

A Linhagem do  
**Santo Graal**



A verdadeira história do casamento de  
Maria Madalena e Jesus Cristo

Laurence Gardner



**A  
LINHAGEM  
DO  
SANTO GRAAL**

**LAURENCE GARDNER**



[WWW.LOBOAZUL.NET](http://WWW.LOBOAZUL.NET)

No decorrer das páginas deste livro, são desvelados os mistérios da origem histórica e do ambiente de Jesus, para que sejam compreendidos os fatos de seu casamento e sua paternidade. Esse relato extraordinário da linhagem messiânica é baseado em arquivos suprimidos e da realeza. Laurence Gardner, um genealogista de renome internacional, historiador constitucional e palestrante, agora revela provas documentais a respeito do legado oculto de Cristo no Ocidente e novas evidências na descoberta do Santo Graal. O autor é um Cavaleiro Templário de St. Anthony, membro da Sociedade dos Antiquários da Escócia; é conhecido na Europa como o Chevalier Labhràn de St. Germain e membro da presidência do Conselho Europeu dos Príncipes, um corpo constitucional estabelecido em 1946, como Historiógrafo Real Jacobino. À medida que avançarem na leitura, muitos leitores estarão pisando em solo novo, mas que já existia antes de ser acarpetado e escondido por aqueles cuja motivação era suprimir a verdade para reter o controle. A Linhagem do Santo Graal não se restringe, porém, a genealogias e histórias de intriga política; suas páginas contêm a chave do Código do Graal essencial: a chave não somente de um mistério histórico, mas também de um modo de vida. Explica como o reino patriarcal do povo foi suplantado pela tirania dogmática e pelo domínio ditatorial da terra. É uma jornada de descobrimento através de eras passadas, com os olhos voltados para o futuro. Somente quando for removido o tapete do disfarce estratégico, teremos sucesso na busca pelo Santo Graal.

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

Devo agradecer aos abaixo mencionados pelas seguintes ilustrações fotográficas e pelas imagens com direitos reservados:

1,20, BridgemanArt Library, Londres; 2, 15,23, Mary Evans Picture Library, Londres; 3, 8, 21, E. T. Archive, Londres; 4, Kunstistorisches Museum, Viena; 6, 13, Galleria Uffize, Scala Museum, Florença; 7, National Gallery, Londres; 9, 12,24, Tate Gallery, Londres; 10, 19,22, Entropic Fine Art, Ontário; 11, National Gallery of Art, Washington; 14, British Library, Londres; 16, Edwin Wallace and Mary Evans Picture Library, Londres; 17, Walker Art Gallery, Liverpool.

Embora todos os esforços tenham sido feitos para a obtenção das devidas permissões, se houver qualquer erro ou omissão quanto a direitos reservados, pedimos desculpas e nos comprometemos a corrigir as falhas em qualquer edição futura.

## PREFÁCIO

A Linhagem do Santo Graal é uma notável realização na área de pesquisa genealógica. São raros os historiadores familiarizados com fatos tão bombásticos quanto os expostos neste livro. As revelações são absolutamente fascinantes e, sem dúvida, serão apreciadas por muitos como verdadeiros tesouros de iluminismo. Nelas se encontra a história vital daquelas questões fundamentais que ajudaram a dar forma à Igreja Cristã na Europa e nos Estados das Cruzadas.

Talvez algumas pessoas considerem de natureza herética alguns aspectos deste livro. É direito de qualquer indivíduo acalentar tal visão, uma vez que as exposições inerentes são um tanto alheias à tradição ortodoxa. Contudo, permanece o fato de que Chevalier Labhràn penetrou as profundezas dos manuscritos disponíveis e dos dados arquivais de qualquer domínio convencional. O conhecimento desvelado resultante é apresentado de maneira muito articulada, interessante e apaixonante.

Esta obra traz uma incrível visão dos séculos de alianças governamentais estratégicas, junto a engodos e intrigas inerentes. Durante cerca de dois mil anos, os destinos de milhões de pessoas têm sido manipulados por personalidades singulares, freqüentemente caprichosas, que pervertem as aspirações espirituais de nossa civilização. Com riqueza de detalhes, o autor removeu as constrações do interesse tendencioso para relatar numerosas histórias suprimidas de nossa herança. Fazendo isso, ele ressuscita a história politicamente silenciada de uma dinastia real resoluta que a Igreja há muito se esforça por extinguir, para garantir interesses próprios. Agora, nesta nova era de entendimento, que a verdade prevaleça e que a Fênix ressulta mais uma vez.

HRH Príncipe Michael de Albany  
Chefe da Casa Real de Stewart

# ORIGENS DA LINHAGEM

## A QUEM SERVE O GRAAL?

Após a Revolta dos Judeus em Jerusalém, no I século da era cristã, os senhores romanos teriam destruído todos os registros a respeito do legado de Davi da família de Jesus, o Messias. A destruição, porém, nunca foi completa, e alguns documentos relevantes foram guardados pelos herdeiros de Jesus, que trouxeram a herança messiânica do Oriente Próximo para o Ocidente. Como confirma a Enciclopédia Eclesiástica de Eusébio, bispo de Cesaréia, esses herdeiros eram chamados de Desposyni (antigo termo grego para "do Mestre"), um título sagrado reservado exclusivamente para aqueles da mesma descendência familiar de Jesus. Eles tinham o legado sagrado da Casa Real de Judá - uma linhagem dinástica existente ainda hoje.

No decorrer deste livro, estudaremos a extraordinária história dessa linhagem soberana, desvendando um detalhado relato genealógico do Sangue Real Messiânico (o Sangreal) em descendência direta de Jesus e seu irmão Tiago. Contudo, para abordarmos esse tema, teremos de considerar primeiramente as histórias bíblicas do Antigo e do Novo Testamento sob uma perspectiva diferente daquela normalmente transmitida. Não estaremos reescrevendo a história, mas remodelando relatos conhecidos - levando a história de volta à sua base original, em vez de perpetuar os mitos de estilo estratégico daqueles cujos interesses são tendenciosos.

Com o passar dos séculos, uma contínua conspiração governamental e da Igreja tem prevalecido acima do legado messiânico. Essa tendência aumentou quando a Roma Imperial desviou o curso do Cristianismo para servir a um ideal alternativo, e continua até o presente.

Muitos eventos históricos aparentemente não relacionados foram, na verdade, capítulos da mesma e contínua supressão da linhagem. Das guerras judaicas do 1º. século d.C., passando pela Revolução Americana do século XVIII e além, as maquinações têm sido perpetuadas por governos europeus e ingleses, em colaboração com a Igreja Católica Romana e a Igreja Anglicana. Em suas tentativas de restringir o direito nato real de Judá, os Altos Movimentos cristãos instalaram vários regimes próprios - tal como a própria Casa de Hanover, da Grã-Bretanha - SaxeCoburg - Gotha. Essas administrações foram forçadas a apoiar doutrinas religiosas específicas, enquanto outras foram depostas por pregar a tolerância religiosa.

Agora, na entrada de um novo milênio, é hora de reflexão e reforma no mundo civilizado - e para a realização dessa reforma é apropriado considerar os erros e os sucessos do passado. Para essa finalidade, não há registro melhor do que o existente nas crônicas do Sangreal.

A definição Santo Graal apareceu pela primeira vez na Idade Média, como um conceito literário, baseado (como veremos mais adiante) em uma série de erros de interpretação por parte de escritores. O termo derivava imediatamente como uma tradução de Saint Grail e das antigas formas San Graal e Sangreal. A antiga Ordem do Sangreal, uma Ordem dinástica da Casa Real Escocesa de Stewart, era diretamente aliada à continental Ordem Européia do Reino de Sion, e os cavaleiros de ambas as Ordens eram adeptos do Sangreal, que define o verdadeiro Sangue Real (o Sang Real) de Judá: a A Linhagem do Santo Graal.

Bem distinto de seu aspecto físico dinástico, o Santo Graal também tem uma dimensão espiritual. Ele tem sido simbolizado por muitas coisas, mas, como objeto material, costuma ser visto como um cálice, especialmente contendo (ou que já conteve) o sangue vital de Jesus. O Graal também já foi retratado como uma vinha, estendendo seus ramos através dos anais do tempo. O fruto da vinha é a uva, e da uva vem o vinho. Nesse sentido, os elementos simbólicos do cálice e o vinho coincidem, pois o segundo há muito é comparado como o sangue de Jesus. Na verdade, essa tradição está presente bem no coração do sacramento da Eucaristia (Sagrada Comunhão), e o sangue perpétuo do Graal, ou do cálice, representa nada menos que a duradoura linhagem messiânica.

Na cultura esotérica do Graal, o cálice e a vinha sustentam o ideal de "serviço", enquanto o sangue e o vinho correspondem ao eterno espírito de "cumprimento". A busca espiritual do Graal é, portanto, um desejo pelo cumprimento, prestando e recebendo serviço. Aquilo que é chamado de Código do Graal é, em si, uma parábola para a condição humana, da busca de todos nós, por meio do serviço.

O problema é que o preceito do código foi sufocado por um complexo avaro da sociedade, baseado na noção da "sobrevivência do mais forte". Hoje, é evidente que a riqueza, não a saúde, é um demarcador na trilha dos socialmente fortes, enquanto outro critério seria a obediência à lei. Acima dessas considerações, porém, há outra exigência: submeter-se à disciplina do partido enquanto se serve aos semideuses do poder. Esse pré-requisito nada tem a ver com a obediência à lei ou o comportamento adequado; depende totalmente de não balançar o barco nem se ater a opiniões não-conformistas. Aqueles que quebram as regras são considerados hereges, intrópidos ou criadores de encrenca, e como tais reputados por seu governo elementos socialmente impróprios. Conseqüentemente, a adequação social é conseguida quando se submete à doutrinação e se abandona a individualidade pessoal para que seja preservado o status quo administrativo. Sob qualquer padrão de reconhecimento, isso dificilmente seria descrito como um modo de vida democrático.

O ideal democrático é expressado como "Governo pelo povo para o povo". Para facilitar esse processo, as democracias são organizadas com base eleitoral, em que os poucos representam os muitos. Os representantes são escolhidos pelo povo para governar para o povo - mas o resultado paradoxal geralmente é o governo do povo. Isso é contrário a todos os princípios da comunidade democrática e nada tem a ver com serviço. Está, portanto, em oposição direta ao Código do Graal. Em nível nacional e local, os representantes eleitos há muito tempo vêm conseguindo reverter o ideal harmonioso, colocando a si próprios sobre pedestais acima do eleitorado. Em virtude disso, os direitos individuais, as liberdades e o bem-estar são controlados por ditames políticos, que determinam quem é socialmente adequado e quem não é, em todos os momentos. Em muitos casos, isso implica até decisões sobre quem pode ou não sobreviver. Com essa finalidade, há muitos que almejam posições de influência pela pura gana de poder sobre os outros. Servindo a interesses próprios, eles se tomam manipuladores da sociedade, causando o enfraquecimento da maioria. O resultado é que, em vez de ser servida da maneira justa, a maioria é reduzida a um estado de servidão.

Não é por acaso que, desde a Idade Média, o lema dos Príncipes de Gales tem sido Ich dien ("eu sirvo"). Tal lema nasceu diretamente do Código do Graal durante a Era do Cavalheirismo. Chegando ao trono real por linhagem hereditária em vez de eleições, era importante para os sucessores promover o ideal de serviço. Mas a que os monarcas realmente serviam? Ou melhor, a quem serviam? De um modo geral (e certamente através das eras feudais e imperiais), eles "governaram" em conluio com seus ministros e a Igreja. Governar não é servir, e faz parte da justiça, igualdade e a tolerância do ideal democrático. E portanto incompatível com a máxima do Santo Graal.

Assim, A Linhagem do Santo Graal não se restringe em conteúdo a genealogias e histórias de intriga política, mas suas páginas contêm a chave do Código do Graal essencial: a chave não só de um mistério histórico, mas também de um modo de vida. É um livro a respeito do bom e do mau governo. Explica como o reino patriarcal do povo foi suplantado pela tirania dogmática e pelo domínio ditatorial da Terra. É uma jornada de descobrimento através de eras passadas, com os olhos voltados para o futuro.

Nesta era da tecnologia dos computadores, de telecomunicações por satélite e da indústria espacial internacional, o avanço científico acontece a uma velocidade assustadora. À medida que cada estágio de desenvolvimento chega mais rápido, os indivíduos funcionalmente competentes emergirão como os "sobreviventes", enquanto o resto será considerado "inadequado" por um establishment impetuoso que serve às próprias ambições, mas não a seus súditos.

Mas o que tudo isso tem a ver com o Santo Graal? Tudo. O Graal tem muitas formas e atributos - como será revelado. Contudo, em qualquer forma que seja retratada, a busca do Graal é regida por um dominante desejo de honesta conquista. É a rota pela qual todos podem sobreviver entre os fortes, ou adequados, pois ele é a chave da harmonia e unidade em todo estado social e natural. O Código do Graal reconhece o avanço por mérito e respeita a estrutura da comunidade - mas acima de todas as coisas, ele é inteiramente democrático. Seja apreendido em sua dimensão física ou espiritual, o Graal pertence tanto a líderes como a seguidores, determinando que todos devem ser como um, em serviço comum e unificado.

Para alguém pertencer aos fortes, deve estar plenamente informado. Só por meio da conscientização podem ser feitas preparações para o futuro. O regime ditatorial não é uma rota de informação; é uma constrição com o objetivo de impedir o livre acesso à verdade. A quem, portanto, serve o Graal? Ele serve àqueles que, apesar dos contratemplos, buscam - pois são os campeões do iluminismo.

## **ÍDOLOS PAGÃOS DO CRISTIANISMO**

No decorrer de nossa jornada, confrontaremos um número de afirmações que podem, a princípio, parecer assustadoras, mas isso costuma acontecer quando se traz a história de volta às suas bases, pois a maioria das pessoas é condicionada a aceitar determinadas interpretações da história como fatos. Muito do que aprendemos de história é por meio de propaganda estratégica, seja ela motivada pela Igreja ou por política. Tudo é parte do processo de controle; separa os mestres dos servos e os fortes dos fracos. A história política tem sido escrita por seus mestres: os poucos que decidem o destino e a sina dos muitos. A história religiosa não é diferente, pois seu desígnio é implementar o controle pelo medo do desconhecido. Dessa forma, os mestres religiosos retiveram sua supremacia à custa de devotos que genuinamente buscam iluminação e salvação. Quanto à história política ou religiosa, é evidente que os ensinamentos estabelecidos chegam às raias do fantástico, mas mesmo assim raramente são questionados. Quando estes são menos do que fantásticos, porém, costumam parecer tão vagos que quase não fazem sentido, se examinados em qualquer nível de profundidade.

Em termos bíblicos, nossa busca do Graal começa com a Criação, conforme definida no livro do Gênesis. Em 1779, um consórcio de livreiros de Londres publicou uma obra gigantesca com 42 volumes, *Universal History* - que viria a ser muito reverenciada e que afirmava, com grande grau de convicção, que o trabalho de Criação de Deus começou em 21 de agosto de 4004 a.C. Surgiu, então, um debate a respeito do mês exato, pois alguns teólogos achavam que 21 de março seria uma data mais precisa. Todos concordavam, porém, que o ano estava correto, e aceitavam que só seis dias tinham passado entre o nada cósmico e o surgimento de Adão.

Na época da publicação, a Inglaterra se via em meio à sua Revolução Industrial. Era um período instável de extraordinárias mudanças e desenvolvimentos, mas, assim como no acelerado ritmo dos avanços da atualidade, pagou-se um preço. As preciosas artes e técnicas de outrora se tomaram obsoletas diante da produção em massa, e a sociedade se reagrupava para acomodar uma estrutura comunitária com base na economia. Uma nova estirpe de vencedores emergia, enquanto a maioria da população cambaleava num ambiente desconhecido que nada tinha a ver com os costumes e padrões de sua educação. Certo ou errado, esse fenômeno é chamado de Progresso, e o seu critério inflexível é aquele preceito do naturalista inglês Charles Darwin: a "sobrevivência do mais forte". O problema é que as chances de sobrevivência das pessoas costumam diminuir quando elas são ignoradas ou exploradas por seus mestres: aqueles mesmos pioneiros que forjam a rota do progresso, auxiliando (mas não garantindo) apenas a sobrevivência própria.

É fácil vermos hoje que a História Universal de 1779 estava errada. Sabemos que o mundo não foi criado em 4004 a.C. Sabemos também que Adão não foi o primeiro homem na Terra.? Essas noções arcaicas já estão ultrapassadas; mas para as pessoas no fim do século XVIII, essa

**Ler mais**